

### O sacrossanto *versus* big data: um olhar sobre a derrota do brasil na copa de 2014

Ferrari, CERA<sup>1</sup>; Peixoto, RP<sup>2</sup>; Neto, GAM<sup>3</sup>; Santos, RF<sup>3</sup>

1 Mestre em Ciências da Atividade Física – UNIVERSO / NITERÓI / BRASIL

2 Mestrando do Programa de Ciências da Atividade Física – UNIVERSO / NITERÓI / BRASIL

3 Professore do Programa de Mestrado de Ciências da Atividade Física – UNIVERSO / NITERÓI / BRASIL

#### Resumo

**Introdução:** Este ensaio surge a partir de uma conversa informal na tentativa de explicar o que, para nós brasileiros, é inexplicável: A derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha em pleno Mineirão. Em nossa concepção “O Sacrossanto versus Big Data” poderia, também, ser intitulado de as credices versus soluções tecnológicas ou o senso comum versus a ciência, ou ainda, as superstições futebolísticas em contraste com as inteligências aplicadas ao futebol.

**Objetivos:** Essa reflexão buscou responder a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha. Para isso, empregamos uma via dialética entre as superstições futebolísticas brasileiras e as inteligências aplicadas ao futebol na Alemanha, Big Data.

**Métodos:** O estudo foi substanciado por meio de dados numéricos e informes que nos possibilitaram analisar, em equivalência, o porquê da vexatória eliminação do Brasil na Copa do Mundo FIFA de 2014 e, sobretudo, o porquê da esmagadora superioridade alemã sob o nosso futebol e suas interfaces.

**Resultados:** Analisando as informações descritas nesse ensaio, em conjunto com nossas observações durante a Copa do Mundo FIFA de 2014, concluímos que há duas dimensões que poderiam vir a explicar a maior derrota do Brasil em Copas. A primeira aparece na forma como nossos atletas entendem e empregam a superstição ao jogo e suas conexões. A segunda, mas não menos importante, refere-se ao dilema: jogar dentro de casa versus jogar fora de casa para nós brasileiros.

**Conclusão:** Como última reflexão, nós acreditamos que o ideal seria um equilíbrio entre Big Data e Sacrossanto. Esse alinhamento decorre da configuração do futebol na atualidade. O que de fato queremos explicar é que, apesar de toda objetividade representada pelo Big Data, a imponderabilidade do futebol faz com que os atletas necessitem de algo que desloque para fora de si a responsabilidade inerente à competição. O problema estaria na eterna luta daqueles que sabem e sentem o jogo, não somente no campo, mas, sobretudo, no corpo.

**Palavras-chave:** Brasil; Alemanha; Futebol; Superstição; Tecnologia da Informação (TI).

#### Abstract

Endereço

Endereço: Rua Marechal Deodoro, 217 – Centro – Niterói – RJ – CEP 24020-020.

Telefone: (21) 2138-4927

Email: ceraferrari@yahoo.com.br

**Introduction:** This paper arises from a casual conversation in an attempt to explain that for us, Brazilians, it is inexplicable: The Brazil's 7-1 defeat by Germany. In our conception "The Sacrosanct versus Big Data" could also be titled as the beliefs versus technological solutions or common sense versus science, or even the football superstitions in contrast to the intelligence applied to football.

**Objectives:** This reflection sought to answer the Brazil's 7-1 defeat by Germany. For this, we employ a dialectic way between Brazilian football superstitions and intelligence applied to football in Germany, Big Data.

**Methods:** The study was substantiated by numerical data and reports that enabled us to analyze, in equivalence, why the vexing elimination of Brazil in the FIFA World Cup in 2014 and, above all, why there was an overwhelming German superiority to our football and their interfaces.

**Results:** Analyzing the information described in this paper, together with our observations during the FIFA World Cup 2014, we think that there are two dimensions that could explain the greatest defeat of Brazil in World Cups. The first appears in the way our athletes understand and employ superstition to the game and their connections. The second, but not least, refers to the dilemma: playing at home versus playing away for us Brazilians.

**Conclusion:** As a final reflection we believe that the ideal would be a balance between Big Data and the Sacrosanct. This alignment results from the football configuration today. What we really want to explain is that, despite all objectivity posed by Big Data, weightlessness football makes athletes need something to move out of his mind the inherent responsibility to the competition. The problem would be in the eternal struggle of those who know and feel the game, not only in the field, but especially in the body.

**Keywords:** Brazil; Germany; Football; Superstition; Information Technology (IT)

## Reflexões iniciais

*"O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído. O acaso vai me proteger enquanto eu andar..."*<sup>1</sup> (BRITTO, 2001).

Esse ensaio surge a partir de uma conversa informal na tentativa de explicar o que, para nós brasileiros, é inexplicável: A derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha em pleno Mineirão. Em nossa concepção "O Sacrossanto *versus* Big Data" poderia, também, ser intitulado de as crendices *versus* soluções tecnológicas ou o senso comum *versus* ciência, ou ainda, as superstições futebolísticas em contraste com as inteligências aplicadas ao futebol. Sendo assim, "O Sacrossanto *versus* Big Data: um olhar sobre a derrota do Brasil na Copa de 2014" nada mais é do que o pano de fundo

de uma reflexão que acreditamos ser tênue, superstição *versus* ciência.

## Descortinando o Brasil a partir de suas superstições futebolísticas

*"Se macumba resolvesse, o campeonato baiano terminava sempre empatado..."*<sup>2</sup> (NENÉM PRANCHA).

Antes de iniciarmos nossas considerações a respeito do Brasil e suas superstições futebolísticas, verificamos a necessidade de uma aproximação que acreditamos ser relevante. Para isso recorreremos ao Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, onde encontra-se dicionarizado que superstição significa: "1. Sentimento

<sup>1</sup> Epitáfio foi uma das músicas escolhidas pelo técnico Carlos Alberto Parreira a fim de motivar os jogadores brasileiros na Copa do Mundo de 2006.

<sup>2</sup> Antonio Franco de Oliveira (Resende-RJ, 16 de junho de 1906 — Rio de Janeiro-RJ, 17 de janeiro de 1976), mais conhecido como **Neném Prancha**, foi um roupeiro, massagista, olheiro e técnico de futebol brasileiro. Ganhou a alcunha de *O Filósofo do Futebol* de Armando Nogueira, por suas frases engraçadas.

religioso excessivo ou errôneo, que muitas vezes arrasta as pessoas ignorantes à prática de atos indevidos e absurdos. **2.** Crença errônea; falsa ideia a respeito do sobrenatural. **3.** Temor absurdo de coisas imaginárias” (MICHAELIS, 1998, p. 1996).

Ainda alinhado a essas concepções, Linhares (2006) deixa transparecer que, na dimensão futebolística, a palavra superstição ganha três conotações. Parafraçando Linhares (2006), chegamos à conclusão que existem superstições individuais, as superstições coletivas e as universais. Para a autora, o “esporte-rei” – o futebol – alimenta o imaginário social dos brasileiros com superstições que “chegam a ser inclusive opostas, como por exemplo, entrar com o pé esquerdo em campo, para uns, motivo de sorte, enquanto para muitos, de azar” (p. 1).

Com base nesses pressupostos, não poderíamos deixar de elencar um dos principais ícones do esporte brasileiro, o ‘Velho Lobo’. Zagallo<sup>3</sup> o único tetracampeão do futebol mundial, se alimenta de uma superstição que exemplifica que Linhares (2006) entende como crença oposta. Para Mário Jorge Lobo Zagallo, o número 13 é uma espécie de talismã que, diferenciada grande massa de brasileiros, o campeão insiste em perseguir. Essa busca por alinhar os bons resultados da seleção ao número 13 pode ser vista em uma das declarações do então coordenador-técnico às vésperas da Copa do Mundo de 2006.

**Zagallo diz que superstição do 13 ajudou o Brasil.** O coordenador-técnico da Seleção Brasileira, Mário Jorge Lobo Zagallo, voltou a acompanhar o Brasil

<sup>3</sup> “Zagallo mora no 13º andar, casou-se no dia 13 e dirige um carro de placa número 1313. (...). Zagallo conta que a crença em torno do número começou por causa da mulher, Alcina, que era devota de Santo Antônio, cuja dia é celebrado em 13 de outubro. Depois do casamento, o craque passou a vestir a camisa 13, fazer gols, e crescer no futebol brasileiro” (SARKIS; ROSO, 2012, p. 1 - CAPA).

dentro de campo e ratificou a presença da superstição do 13 na classificação da equipe para o Mundial, após a vitória por 5 a 0 sobre o Chile, neste domingo. Esse jogo contra o Chile era o jogo decisivo. **Hoje podemos falar que já estamos com o pé na Alemanha. E só para lembrar, a palavra classificação tem 13 letras. Além disso, hoje é dia 4 do 9 (setembro), que somados dão 13, lembrou Zagallo** (ZAGALLO DIZ QUE..., 2005, p. 1 - CAPA, grifo nosso).

Surge daí a necessidade de substanciarmos essas discussões com uma pergunta que ilustra o que levou o ‘Velho Lobo’ a essa trajetória vitoriosa: O algarismo 13 seria, de fato, o grande responsável ou o elevado número de participações em Copas ampliou as probabilidades de sucesso? A nosso ver, existe uma variável que pode responder, com mais propriedade, a carreira brilhante de Zagallo na Seleção brasileira de futebol: a genialidade dos atletas, inclusive a sua.

Duas considerações parecem-nos importantes nesse momento. Em primeiro lugar, devemos pontuar que esse debate não pretende desqualificar as vitórias e, nem tampouco, ir de encontro aos feitos realizados pelo ‘Velho Lobo’. Todavia, isso não nos impede que venhamos conjecturar que sem os Super-homens – de Nietzsche<sup>4</sup> – **Pelé e Garrincha** e o Leviatã<sup>5</sup> **Romário**, a

<sup>4</sup> Além-Homem é o termo do alemão *übermensch*, descrito no livro *Assim Falou Zaratustra* (*Alsosprach Zarathustra*), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em que explica os passos através dos quais o Homem pode tornar um ‘**Além-Homem**’ (*homos superior*, como o inglês *Beyond-Human* a tradução também pode ser compreendida como Além-do-humano).

<sup>5</sup> No pensamento Hobbeseano o Leviatã exemplificaria um Homem-inumano (O Estado), cuja finalidade estaria na preservação da ordem legítima. O Leviatã seria uma espécie de besta cuja couraça estaria protegida pelos Homens-naturais (Os súditos) (HOBBS, 1995).

história de Zagallo e, em consequência, do futebol brasileiro poderia ter tido outro desfecho. O que queremos exemplificar por meio de tais reflexões é que nas cinco conquistas do futebol brasileiro existia, ao menos, um personagem fora de série, um gênio. Nesse sentido, Schopenhauer (1977) possui uma citação que diferenciaria os homens dos “Além-Homens”. Nas palavras do filósofo, talentoso é aquele que consegue acertar um alvo que ninguém acertaria. Gênio é aquele que consegue acertar um alvo que ninguém vê.

Continuando em nossa aproximação a respeito do Brasil e suas superstições futebolísticas, veremos, por exemplo, que o técnico Alexis Stival, conhecido como Cuca, não admite que o ônibus de sua equipe ande em direção contrária em dias de jogo, quer dizer, que dê ré. Vanderlei Luxemburgo, durante boa parte de sua carreira, acreditava que usar a mesma camisa e cueca em partidas decisivas lhe trazia sorte. Se tratando de jogador, podemos citar o goleiro Marcos Roberto Silveira Reis, o ‘São Marcos’. Marcos declarou em uma entrevista que para entrar na área tem que ser com o pé direito, “senão algo de errado poderá acontecer... Se me esqueço e piso com o esquerdo, saio da área e entro de novo, só que com o direito” (SENÃO ALGO DE..., 2002, p. 1 - CAPA).

Segundo Leme (2005), o futebol é um dos esportes que tem na ciclicidade algo que favorece a superstição, a devoção e, principalmente, o elemento sorte. Para Leme (2005),

O tempo do futebol – e mesmo dos outros esportes – tem algo de cíclico. Existem muitas repetições, a começar pela divisão de uma partida, em dois tempos. A Copa do Mundo e as Olimpíadas de quatro em quatro anos, a Copa América a cada dois anos, o Campeonato Brasileiro e Paulista anualmente... Dentro de uma partida de futebol oficial, antes do apito

inicial, o árbitro atira uma moeda para cima e lança a “primeira sorte”, que permitirá ao capitão vencedor escolher o lado do campo para o primeiro tempo ou a saída com a bola – mesmo aí, muitas vezes, a superstição prevalece sobre considerações de ordem estratégica (p. 36, grifo do autor).

Há autores, porém, que não atribuem à superstição essa conotação negativa, pois de acordo com essa corrente, os mecanismos de defesa deslocariam para algo externo, inumano, o liame ansiedade-medo-esperança. Apesar disso, Simões, Conceição e Cortez (2009) comungam que esse subterfúgio, se utilizado em excesso, pode vir a mascarar perturbações psíquicas. Para os teóricos esse fenômeno ocorreria porque “muitas vezes a realidade interna e a realidade externa podem ser percebidas de maneira falseada” (p. 38). Essas considerações nos levam a refletir que uma superstição poderia ser um possível mecanismo de defesa, crença uma provável manifestação inconsciente, ou seja, uma tentativa – involuntária – de autopreservação do Ego.

Neste momento, é interessante abrir um parêntese e refletir de forma mais objetiva: Qual seria a gênese desse fenômeno? O Brasil seria de fato um país de ignorantes? O evento superstição, assim como o futebol, poderia descortinar o Brasil a ponto de ser considerado um “fato social total”? (MAUSS, 1974). De forma pragmática poderíamos ratificar que a gênese da superstição brasileira estaria na colonização portuguesa, na influência europeia, enfim, na miscigenação. Mas, preferimos responder a essa questão à luz de Cascudo (2002). Para o folclorista “as superstições participam da própria essência intelectual humana e não há momento na história do mundo sem sua inevitável presença” (CASCUDO, 2002, p. 723).

Respondendo à segunda questão poderíamos nos perguntar: O cientista

dinamarquês Niels Bohr (1885-1962) seria um ignorante? O ganhador do prêmio Nobel de física seria um inculto por possuir uma ferradura como amuleto, superstição? Considerando esses aspectos e com base nas “*inteligências múltiplas*” de Gardner, é uma injustiça legitimarmos que o Brasil, mesmo passando por inúmeras dificuldades, é uma terra de ignorantes. Nesse contexto, verificamos que a superstição como um fenômeno não necessariamente determina o nível intelectual de uma nação, mas, em contrapartida, acreditamos que um país com um número significativo de feriados ecumênicos, com uma cultura folclórica densa e uma miscigenação plural pode sim ser descortinado a partir de seus espectros sacrossantos.

### **Descortinando a Alemanha a partir de suas inteligências aplicadas**

*“A vitória é consequência do trabalho, viemos determinados, todos nós crescemos vendo o Brasil jogar, nossos heróis que nos inspiraram são todos daqui...”<sup>6</sup> (PODOLSKI, 2014).*

Essa afirmação do jogador alemão valoriza a história futebolística brasileira, mostrando a admiração pelos seus craques que são fruto, sobretudo, de uma escola pautada no futebol arte. No entanto, demonstra outra escola onde os valores principais são o trabalho e a determinação que provêm de uma fonte mais objetiva e racional.

Diferentemente do futebol brasileiro, os alemães nos últimos anos vêm apostando na tecnologia a fim de melhorar o desempenho dos seus jogadores e da sua equipe. Investindo estratégica e maciçamente em inteligência aplicada, a seleção alemã teve como aliado o suporte proporcionado por solução de Big Data para nortear a

preparação da equipe durante a competição. Tal solução trouxe a jogadores e comissão técnica, a partir de volumes de dados colossais englobando toda e qualquer ação de natureza física, técnica e tática desempenhada dentro das quatro linhas (além também de variáveis extra-campo), um conjunto de dados significativos e estratégicos, processados e disponibilizados em alta velocidade, capaz de efetivamente resultar, já que devidamente trabalhados, em vantagem competitiva sobre as demais equipes.

Nesse sentido, cabe também destacar que, além de estreita interação com o “Time Colônia” - grupo de pesquisa em estatística aplicada ao futebol da referida universidade, composto por mais de 50 pesquisadores -, a inédita iniciativa pautou-se no estabelecimento de uma interface efetiva entre o universo da tecnologia da informação e o trabalho de campo. Esta tarefa foi desempenhada de maneira competente pela comissão e materializada na figura do gerente e ex-atleta da seleção alemã Olivier Bierhoff. Desta forma, pode-se sugerir que se o futebol alemão tem tido bons resultados e hoje podemos afirmar que chegou a um nível de eficiência extremamente alto devido a esse tipo de iniciativa.

A vitória histórica sobre o Brasil na semifinal da Copa do Mundo de 2014 foi resultado de um modelo de gestão executado a longo prazo e é apenas um dos pontos altos dessa nova forma de se jogar futebol. De maneira geral, o êxito e o desempenho da seleção alemã não só no último campeonato mundial, mas nos três últimos campeonatos são indiscutíveis.

Além de ter utilizado Big Data, a federação alemã de futebol também investiu em outras direções: abriu escolinhas da modalidade por todo o país, investiu nas categorias de base e, em parceria com as universidades, procurou auxílio nas pesquisas acadêmicas.

Na realidade, o suporte em Big Data é uma dentre tantas outras iniciativas

<sup>6</sup> Mensagem publicada por Lucas Podolski em sua conta em uma rede social, o Instagram.



implantadas na última década que tiveram como principal missão reerguer o futebol germânico. Como o próprio nome sugere, a quantidade de informações geradas é imensa. Conforme já antecipado, a solução utilizada é capaz de representar, por exemplo, desde a organização tática e a precisão de chutes até a posse de bola e a distribuição de passes, indicando melhores opções. É possível ainda identificar fraquezas e pontos fortes de cada jogador em situações de jogo, disponibilizando esses dados em gráficos que posteriormente podem ser acessados individualmente (GERMANY'S WORLD CUP TACTICS, 2014).

Enquanto o futebol alemão investiu em categorias de base, o que o do Brasil fez nos últimos anos? Enquanto os alemães procuraram suporte em artigos acadêmicos, firmando parcerias com universidades e estudantes, o que os brasileiros fizeram? Enquanto os técnicos do futebol alemão investem em formação continuada, em que os técnicos brasileiros investem?

Baseado nessas considerações, somos levados a crer que todo esse aparato tecnológico realmente funciona e explica - pelo menos em tese - a esmagadora vitória da Alemanha sobre o Brasil. Em compensação, a crença em superstições aparentemente não tornou a seleção brasileira mais forte. Além de tudo, os investimentos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) são irrisórios, quando comparados aos da Alemanha. A derrota de 7 a 1 expôs a fragilidade do futebol brasileiro não apenas dentro de campo, mas, sobretudo, fora dele.

Enquanto que a CBF reformou apenas três campos de futebol, a "federação alemã bancou 1387" nos últimos anos (FEDERAÇÃO ALEMÃ BANCOU..., 2014). Por outro lado, enquanto a seleção alemã investiu pesado em tecnologia, a brasileira preferiu confiar na sua própria capacidade. Assim, em termos de tecnologia, é imensa a

disparidade entre o futebol alemão e o brasileiro.

Segundo reportagem veiculada no portal de notícias Correio 24 horas (2014), em termos de gestão, planejamento, estratégias e metas, é grande o abismo entre o futebol alemão e o brasileiro. Depois de ter conquistado o título mundial de 2002 (competição onde Ronaldo Luís Nazário de Lima<sup>7</sup>, o fenômeno, renasceu para a modalidade), o futebol brasileiro estagnou, achando que as vitórias surgiriam num passe de mágica. Ou seja, a superioridade do futebol brasileiro pode estar baseada numa crença subjetiva, de natureza sacrossanta.

De fato, é preciso reconhecer que em muitas ocasiões, a grandiosidade do futebol brasileiro esteve na força do seu uniforme, na genialidade, ou melhor, no verde-amarelo de sua camisa. Isto é, a veemência do nosso futebol quase sempre esteve atrelada a um sentido místico, a uma crença humana ou inumana. Os alemães, por outro lado, depois da derrota para o Brasil na final de 2002, começaram um amplo projeto de reestruturação. Um dos pilares desse projeto,

<sup>7</sup> “Segundo a professora de Jornalismo Esportivo Patricia Rangel, que escreveu o artigo "Neymarmania: Cultura e mitificação na sociedade midiaticizada", o ex-jogador tem características de **super-herói** para os atletas de hoje em dia. Ronaldo passou por várias provações: lesões sérias, problemas em relacionamentos. Tudo isso deu a ele atributos de um **herói imortal**. É quase uma simbologia de guerra, lutando o tempo todo para vencer. Quando a gente enxerga um **herói**, não vê coisas ruins nele. Por isso, nada o abala. A imagem dele é **imaculada**. Virou um **mito** - disse Rangel.” (SEGUNDO A PROFESSORA..., 2012, p. 1 – CAPA, grifo nosso).

“**Deus** foi bom demais com o Ronaldo. Por isso, ele se sente na obrigação de ajudar a quem precisa. A cabeça dele está voltada para isso”, afirma Dona Sônia. Mas que os adversários não esperem altruísmo de Ronaldo dentro das quatro linhas. Naquele **sagrado território**, seu **reinado** promete ser longo. Como previu o primeiro amigo e **guru** Filé. “Sempre acreditei que Ronaldo **renasceria como a fênix da mitologia**. Ele ainda vai dar muita alegria para o povo.” Alguém duvida?” (DEUS FOI BOM..., 2002, p. 1 – CAPA, grifo nosso).

baseado em Big Data, foi parte importante do contexto criado para a Alemanha ganhar o título em 2014.

Pensando bem, as diferenças entre o futebol brasileiro e o alemão podem descartar não apenas a forma como o esporte é tratado nos dois países, mas também revelam um pouco da cultura de cada Estado-nação. Não seria absurdo nenhum imaginar que essa diferença entre as duas confederações extrapolam os limites do futebol e acabam por evidenciar duas realidades distintas. Vamos a elas:

Não é por coincidência que a Alemanha domina as engenharias e as tecnologias, internacionalmente, em empresas como VW, BMW, Bayer, Schering, Siemens, Basf, Dual, Adidas e outras. A Alemanha lidera a inovação mundial. Para se ter uma ideia, o país pede 20 vezes mais patentes do que o Brasil (com uma população que é menor do que a metade da brasileira) (NÃO É POR..., 2015, p. 1 – CAPA).

Enquanto isso no Brasil...

Trinta e três por cento da população brasileira, 55 milhões de pessoas, vivem abaixo da chamada “linha da pobreza”, isto é, ganham por mês menos da metade do salário mínimo. Dessa massa de excluídos, 63% são negros e pardos e 37% são brancos. Entre os 10% mais ricos no país, 85% são brancos e 15% negros e pardos. Já dos 10% mais pobres, 30% são brancos e 70% são negros e pardos (MURAD, 2007, p. 23).

... em 88º lugar em ranking de educação da UNESCO. [...] A UNESCO, braço de educação e cultura da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgou hoje em Nova Iorque a edição 2011 do The Education for All (EFA) / Global Monitoring Report (GMR). Em um ranking com 127 países que mede o desempenho na educação,

o Brasil ficou na 88ª posição (FICA EM 88º..., 2011 - CAPA).

A partir dessas duas considerações, vemos que as divergências entre Brasil e Alemanha se estendem além do futebol. Cremos, assim, que ao compararmos o futebol dos dois países, não podemos deixar de mencionar que se trata de duas culturas distintas. O compromisso alemão com o futebol do seu país é um aspecto de sua própria cultura. O futebol, de certa forma, ilustra essa política de inovação, sendo, portanto, um dos diversos exemplos de como a Alemanha investe em inovação.

O que queremos dizer é que o investimento em inovação tecnológica não é algo raro na Alemanha. Dessa forma, todos os setores da economia alemã estão estrategicamente orientados a seguir essa doutrina. Isso não seria diferente no setor esportivo, especialmente no que se refere ao mundo do futebol. Enfim, não foi por acaso que a seleção de futebol alemã goleou a seleção brasileira na semifinal da Copa do Mundo de 2014. Por trás desse resultado, há uma forte política voltada para a Tecnologia da Informação (TI). Mais importante do que apenas isso, é ressaltar o fato de que de nada valem os dados, a tecnologia e o trabalho de inteligência desenvolvidos fora de campo quando gestores, treinadores e atletas, ou seja, os efetivos tomadores de decisão no processo, não estão minimamente dispostos a modificar seu *modus operandi*, o qual, no futebol de nosso país, ainda é, em grande parte baseado na intuição, nas tradições, e no sacrossanto. A derrota por 7 x 1 para a Alemanha apenas se configura como o ponto máximo, até então, da vulnerabilidade que nosso futebol pode apresentar quando confrontado a filosofias de trabalho nas quais fatos se sobrepõem a crenças.

## Reflexões finais

*“Quando a gente consegue ganhar fora do campo, a gente bota uma mão na taça... Então, nós já estamos com uma mão na taça...”<sup>8</sup> (PARREIRA, 2014).*

Essa fala de forma descontextualizada não retrataria a seleção brasileira como sendo a campeã. Tão pouco que a Copa do Mundo de 2014 tenha ocorrido no Brasil. Hoje, depois de assimilarmos o golpe, verificamos que nossos atletas não apresentaram um futebol competitivo, porém acreditamos que o Brasil, diferentemente das palavras de Parreira, venha sucumbindo, mais fora das quatro linhas do que dentro delas. Ora, como estaríamos com uma mão na taça sem investir em categorias de base, sem possuir projetos de formação de atletas além das seleções de base? Os Sacro-Heróis devem existir de fato ou o Brasil, como diz Arrigo Sacchi (1994), investe todas as suas esperanças na “coisa mais importante dentre as coisas menos importantes”, o futebol?

Entender a simetria que ocorre entre o futebol brasileiro e o Brasil república é, antes de mais nada, constatar as mazelas que explicam um a partir do outro e vice-versa. Assim como no futebol, o Brasil não investe na educação de base, não reprime o crime, a orgia com o dinheiro público, a corrupção. Teriam sido esses pressupostos o motivo pelo o qual a Federação Alemã de Futebol (DFB) decidiu por construir o seu próprio centro de treinamento no Brasil? Isso não ficou claro, mas existem fortes indícios que os alemães desconfiaram da nossa capacidade de organização. Aqui caberia indagar: se desconfiaram da nossa capacidade de organização fora de campo, poderiam, igualmente, ter desconfiado da nossa competência em nos organizarmos dentro dele?

Ratificamos que sim, pois essa é uma das principais funções do Big Data – encontrar padrões significativos a partir do

processamento dos maiores volumes de dados possíveis. Porém reconhecemos que não precisaria ser um exímio observador ou ter à disposição tecnologia desse nível para verificar que nossas condições sociais e futebolísticas não andam bem das pernas. A fim de informação: “Em dez anos, Brasil perde 217 bilhões de dólares em fuga de capital ilícito”<sup>9</sup> (EM DEZ ANOS..., 2014 - CAPA); “Brasil ainda tem 13 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais...” (BRASIL AINDA TEM..., 2014 - CAPA); “As dívidas dos 24 principais clubes de futebol do Brasil atingiram, juntas, R\$ 5,682 bilhões de reais em 2013, número 14% acima do apresentado no ano anterior” (AS DÍVIDAS DOS..., 2014 - CAPA); “Triste realidade: no Brasil, 82% dos jogadores de futebol recebem até dois salários mínimos” (TRISTE REALIDADE:..., 2012 - CAPA).

A Copa 2014 foi uma tragédia anunciada? Hoje podemos dizer que sim (tínhamos indícios suficientes para isso), mas acreditávamos nas nossas superstições, nos nossos aspirantes a Sacro-Heróis, na mística da nossa camisa, no grito da nossa torcida e, porque não dizer, na imponderabilidade do futebol, no “sobrenatural de Almeida” de Nelson Rodrigues. Entretanto, como bem diz Muricy<sup>10</sup>, “a bola pune”. Nesse caso, uma espécie de “Caixa de Pandora” abriu-se em pleno Mineirão penalizando negligências e arbitrariedades como: **“Estava ainda em aulas na universidade, então tinha que ficar indo e voltando. Não podia ficar aqui muito tempo, porque também tenho meu consultório”** (informação verbal)<sup>11</sup>; **“Vou**

<sup>9</sup>“Segundo especialistas, apenas US\$ 19 bilhões seriam necessários para salvar da fome toda a população mundial” (BAUMAN, 2013, p. 34).

<sup>10</sup>**Muricy Ramalho** (São Paulo, 30 de novembro de 1955) é um treinador e ex-futebolista brasileiro.

<sup>11</sup>Fala de Regina Brandão, psicóloga da seleção brasileira, explicando sua ausência.

(Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em 29 mar. 2015).

<sup>8</sup>Resposta de Carlos Alberto Parreira a respeito do clima de ‘já ganhou’.



**fazer do meu jeito. Gostou, gostou. Não gostou, vai pro inferno”** (informação verbal)<sup>12</sup>.

Eis o ponto: analisando as informações descritas nesse ensaio, em conjunto com nossas observações durante a Copa do Mundo FIFA de 2014, concluímos que há duas dimensões que poderiam em equivalência, vir a explicar a maior derrota do Brasil em Copas. Em primeira instância, objetivamos que a crença também faz parte do dia-a-dia dos jogadores alemães (Justificando Cascudo, 2002, p. 723), haja vista a amizade supersticiosa do goleiro Manuel Neuer com o brasileiro Mauro Lúcio Silva, mais conhecido como o Talismã Tibúrcio<sup>13</sup>. Todavia, diferentemente do Brasil<sup>14</sup>, não verificamos a superstição ‘adentrar’ o campo por parte dos alemães. Para eles, o componente crença faz parte de um todo apaziguador na medida em que complementa tudo que já foi feito antes. Todo o trabalho baseado em informação, planejamento e meritocraciado qual a perspectiva de Big Data é um dos mais importantes expoentes. Creemos no nosso

treinamento, na nossa tática, na nossa técnica, na nossa tecnologia, na nossa logística e porque não crer em algo sacrossanto, seria bem isso para os alemães.

Percebemos, também, que o efeito casa é perturbador para a seleção brasileira de futebol. A nosso ver, o dilema jogar dentro de casa *versus* jogar fora de casa poderia ser explicado, no caso da seleção brasileira, porque no momento em que jogamos dentro de casa expomos nossas vulnerabilidades a ponto de nossos adversários não nos respeitarem como potência que somos. Como aconteceu em 1950 quando a vitória já era tida como certa e perdemos surpreendentemente. Em contrapartida, quando a competição ocorre longe de nossos domínios – pelos menos em tese – essas vulnerabilidades não jogariam contra nós. Pelo contrário, nosso time até ‘cresce’ dentro do campo.

Talvez como última reflexão, mas não menos importante, gostaríamos de tentar elaborar algo em forma de síntese. Acreditamos que o ideal seria um equilíbrio entre Big Data e o Sacrossanto. Esse alinhamento decorre da configuração do futebol na atualidade. O que de fato queremos explicitar é que, apesar de toda objetividade representada pela Big Data, a *aimponderabilidade* do futebol faz com que os atletas necessitem de algo que desloque para fora de si a responsabilidade inerente à competição. Especificamente em um esporte que a total imprevisibilidade gera muita angústia e torna esse esporte, muitas vezes, ‘injusto’.

## Referências

1. As dívidas dos. **Exame.com**, Brasil, sexta-feira, 22 ago. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticia/s/os-24-clubes-de-futebol-mais-endividados-do-brasil>>. Acesso em 28 mar. 2015.
2. A vitória é. **Rede Brasil Atual (RBA)**, Brasil, quarta-feira, 9 jul. 2014. Disponível em:

<sup>12</sup>Fala de Luiz Felipe Scolari, técnico da seleção brasileira, às vésperas da decisão contra a Colômbia. (Disponível

em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YYeVUu3zdI>>. Acesso em 29 mar. 2015).

<sup>13</sup> “Carioca conheceu alemães através de Rafinha, do Bayern de Munique, e conquistou com sua alegria. Goleiro pagou sua estadia na Bahia durante a Copa: “você traz sorte””.

(Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em 30 mar. 2015).

<sup>14</sup>**Superstição**. Paulo Paixão, preparador físico da seleção brasileira, é visto jogando sal grosso no campo do Mineirão – cerca de uma hora antes do início da partida contra a Alemanha.

(Disponível

em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AeZn0GNwEWW>>. Acesso em 30 mar. 2015).

- <<http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/copa-na-rede/2014/07/201crespeite-a-amarelinha201d-pede-atacante-alemao-podolski-5297.html>>. Acesso em 12 mar. 2015.
3. ALÉM-HOMEM. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Al%C3%A9m-Homem&oldid=41732432>>. Acesso em 28 mar. 2015.
  4. BRASIL ainda tem. **Portal ODM**. Brasil, quinta-feira, 18 set. 2014. Disponível em: <<http://www.portalodm.com.br/noticia/1302/brasil-ainda-tem-13-milhoes-de-analfabetos-com-15-anos-ou-mais>>. Acesso em 28 mar. 2015.
  5. BRITTO, Sérgio. **A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana**. São Paulo: Abril Music, c2001. 1 CD.
  6. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.
  7. COISA mais importante. **globoesporte.com**, Brasil, segunda-feira, 20 fev. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/torcedor-palmeiras/platb/2012/02/20/futebol-e-a-coisa-mais-importante-dentre-as-menos-importantes/>>. Acesso em 14 mar. 2015.
  8. CORREIO24HORAS: Vexame na Copa mostra diferença entre a gestão e o jeitinho brasileiro. **Correio**. Bahia, 10 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/vexame-na-copa-mostra-diferenca-entre-a-gestao-e-o-jeitinho-no-futebol-brasileiro/?cHash=5392c88d070be5e7beba8168e5227b52>>. Acesso em 11 mar. 2015.
  9. DEUS foi bom. **ISTOÉ BRASIL**. Brasil, quinta-feira, 19 dez. 2002. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br/reportagens/24907 RONALDO>>. Acesso em 11 mar. 2015.
  10. EM dez anos. **DW Notícias / Economia**. Brasil, terça-feira, 16 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.dw.de/em-dez-anos-brasil-perde-217-bilh%C3%B5es-de-d%C3%B3lares-em-fuga-de-capital-il%C3%ADcito/a-18135671>>. Acesso em 28 mar. 2015.
  11. FEDERAÇÃO alemã bancou. **A esporte – UOL**. Rio de Janeiro, sábado, 12 Jul. 2014. Disponível em: <<http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/07/12/federacao-alema-bancou-1-387-campos-de-futebol-cbf-so-tres/>>. Acesso em 25 mar. 2015.
  12. FICA em 88º. **Guia do Estudante**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/brasil-fica-88o-lugar-ranking-educacao-unesco-620646.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2015.
  13. GERMANY'S WORLD CUP TACTICS. **The Telegraph**. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/technology/news/10959864/Germanys-World-Cup-tactics-shaped-by-data.html>>. Acesso em 10 mar. 2015.
  14. HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.
  15. LEME, Clodoaldo Gonçalves. **É Gol! Deus é 10. A religiosidade no futebol profissional paulista e a sociedade de risco**. 2005. Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, PUC-São Paulo, 2005.
  16. LINHARES, Thelma Regina Siqueira. **Superstições no futebol brasileiro**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0027.html>>. Acesso em 19 jan. 2015.
  17. MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.
  18. MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos. Dicionários Michaelis, 1998.
  19. MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**. Dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2007.
  20. MURICY RAMALHO. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Muricy\\_Ramalho&oldid=41743276](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Muricy_Ramalho&oldid=41743276)>. Acesso em 28 mar. 2015.

21. NÃO é por. **Folha de São Paulo**, São Paulo, quinta-feira, 12 mar. 2015. Disponível em:<<http://abecedario.blogfolha.uol.com.br/2014/07/09/o-que-a-alemanha-tem-que-nos-nao-temos/>>. Acesso em 12 mar. 2015.
22. NENÉM PRANCHA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nen%C3%A9m\\_Prancha&oldid=36709288](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nen%C3%A9m_Prancha&oldid=36709288)>. Acesso em 29 mar. 2015.
23. QUANDO a gente. **Globo.tv/Copa 2014**, Brasil, segunda-feira, 26 mai. 2014. Disponível em:<<http://globo.com/sportv/copa-2014/v/parreira-nos-ja-estamos-com-uma-mao-na-taca/3372502/>>. Acesso em 14 mar. 2015.
24. SARKIS, Marcelo; ROSO, Larissa. **A mística do novo ano**: mitos e superstições cercam o número 13, 2012. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2012/12/mitos-emitos-e-supersticoes-cercam-o-numero-13-3997274.html>>. Acesso em 20 jan. 2015.
25. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**, Edição Zurich: Funciona em dez volumes, Volume 4. Zurich: Diogenes Verlag, 1977.
26. SEGUNDO a professora. **globoesporte.globo.com**, Rio de Janeiro, terça-feira, 22 mai. 2012. Disponível em:<<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2012/05/ronaldo-o-idolo-jogadores-elegem-o-fenomeno-como-maior-referencia.html>>. Acesso em 11 mar. 2015.
27. SENÃO algo de. **Diarioweb**, Rio-São Paulo, sábado, 27 abr. 2002. Disponível em:<<http://www.diarioweb.com.br/noticias/imp.asp?id=17483>>. Acesso em 22 jan. 2015.
28. SIMÕES, Antonio Carlos; CONCEIÇÃO, Paulo Felix Marcelino; CORTEZ, José Alberto Aguilar. Psicossociologia do esporte: um jogo paradoxal de forças inconscientes. **Boletim de Psicologia**, n. 130:031-043, v. 79, 2009.
29. TRISTE realidade. **Extra.globo.com**, Rio de Janeiro, domingo, 23 set. 2012. Disponível em:<[http://extra.globo.com/esporte/triste-](http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html)
30. ZAGALLO diz que. **Portal Terra**, São Paulo, domingo, 4 set. 2005. Disponível em:<<http://esportes.terra.com.br/mundial2006/interna/0,,OI654541-EI1773,00-Zagallo+diz+que+supersticao+do+ajudou+o+Brasil.html>>. Acesso em 20 jan. 2015.